

# **A NECROPOLÍTICA NA RESPOSTA ÀS PRIMEIRAS CATÁSTROFES CLIMÁTICAS DO CAPITALISMO**

José Gomes Ferreira\*

**RESUMO:** Este artigo analisa o contexto em que ocorreu a Grande Seca de 1877-1879 no Semiárido nordestino, a partir de eventos ocorridos simultaneamente na escala global, naquela que é considerada uma das primeiras crises do capitalismo — resultante do efeito conjugado do clima e internacionalização da produção capitalista. Nesse recorte histórico alterações na produção mundial de algodão e no setor de transportes resultaram no abandono das plantações e na perda de emprego no Semiárido, com a seca tornando-se um agravante da condição de vulnerabilidade das comunidades. Para cumprir os objetivos faremos revisão da literatura, coleta de material de arquivo e de notícias.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Necropolítica; Seca; Grande Fome; Crise do capitalismo.

## **Necropolitics in response to the first climate catastrophes of capitalism**

**ABSTRACT:** This article analyzes the context in which the Great Drought of 1877 - 1879 occurred in the northeastern semiarid, based on events which occurred simultaneously on a global scale, in that which is considered one of the first capitalism crises - resulting from the effect of the climate and internationalization of capitalist production combined. In this historical context, alterations in the world production of cotton and in the transportation sector resulted in the abandonment of plantations and job losses in the semiarid region, with the drought becoming an aggravating factor in the condition of the communities vulnerability. In order to fulfill the objectives, we will review the literature, collect news and archive materials.  
**KEYWORDS:** Necropolitics, Drought, Great Starvation, Capitalism Crisis.

## **La necropolítica como respuesta a las primeras catástrofes climáticas del capitalismo**

**RESUMEN:** Este artículo analiza el contexto en el que se produjo la Gran Sequía de 1877-1879 en el Semiárido nordestino, a partir de los acontecimientos que se produjeron simultáneamente a nivel mundial, la cual se considera como una de las primeras crisis del capitalismo — resultante del efecto combinado del clima y de la internacionalización de la producción capitalista. En este recorte histórico, los cambios en la producción mundial de algodón y en el sector del transporte provocaron el abandono de las plantaciones y la pérdida de empleo en el Semiárido, en este momento la sequía se convirtió en un factor agravante de la condición de vulnerabilidad de las comunidades. Para lograr alcanzar los objetivos propuestos, realizaremos una revisión bibliográfica, una recopilación de material de archivo y noticias.  
**PALABRAS CLAVES:** Necropolítica; Sequía; Gran Hambre; Crisis del capitalismo.

\*Doutor em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal. Atualmente é professor visitante no Departamento de Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Contato: Rua das Humanidades, Campus Central, Bairro Lagoa Nova, CEP: 59078-970, Natal-RN, Brasil.  
E-mail: josegomesufrn@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2539-1111>

## Introdução

A Grande Seca de 1877-1879 não atingiu apenas o Semiárido nordestino, e os seus efeitos não resultaram apenas da escassez de chuva. A conjugação de fatores climáticos, sociais, econômicos e políticos resultou numa tragédia que provocou milhares de vítimas em vários pontos do globo. Em escala alargada, a Grande Fome de 1876-1878 afetou primeiro a China, Índia e África e não teve apenas origem no fenômeno climático El Niño e na seca dele resultante — decorreu igualmente da especulação capitalista e de políticas desfavoráveis às populações das colônias, que se agravaram com a alta de preços dos produtos alimentares e com a dificuldade em abastecer os mercados locais.

O tema insere-se no debate sobre o impacto perverso da internacionalização da economia capitalista, que negligenciou as comunidades das colônias e alterou o seu modo de vida tradicional. Temos, assim, que a crise resultou igualmente de transformações na ordem econômica mundial, que buscou levar bem-estar e desenvolvimento às sociedades imperialistas europeias, ao Japão e Estados Unidos da América, mas resultou em um desenvolvimento desigual nos países colonizados que não só foram afetados, como viram as suas comunidades excluídas do abastecimento de produtos alimentares e a sua mão de obra ser transferida para a produção que abasteceria o mercado internacional, resultando na alteração dos modos de vida tradicional e na exposição à fome por dificuldade na aquisição de alimentos.

O Brasil, à data um país independente, também foi afetado, mas não necessariamente pelos mesmos fenômenos. O país, e o Nordeste em particular, vê repercutir acontecimentos semelhantes por conta da seca climática mas também pelo efeito conjugado de fatores internos e externos: primeiro, em resultado de ser um jovem país procurando se organizar; assim como do aburguesamento e higienização de algumas cidades litorâneas, que se refletiu na aceitação dos flagelados das secas; por outro lado, da exposição do país ao mercado internacional, na medida em que com a retomada da produção de algodão nos EUA o Nordeste perdeu um dos principais mercados exportadores.

O objetivo geral do artigo é analisar a Grande Seca de 1877-1879 como uma catástrofe climática e social mais abrangente que afetou não apenas o Semiárido, mas igualmente outras geografias, sendo agravada pela ocorrência de problemas simultâneos. Para o efeito analisamos as principais características de outras secas que impactaram fortemente nas economias coloniais e no socorro às populações. A análise destes acontecimentos fornece importantes informações quanto às catástrofes climáticas futuras e à resposta das políticas

públicas. Outro objetivo é dar continuidade à pesquisa sobre a figura do retirante do Semiárido, o inserindo no tempo histórico e no atual debate sobre mudança climática. Segundo a nossa hipótese os acontecimentos no Nordeste brasileiro foram afetados pela convergência da seca e fome à escala global, reduzindo a procura pelos seus produtos e dificultando ações de solidariedade, ao que se adiciona o que foi dito sobre a juventude do país e sobre as dificuldades em saber lidar com um problema de tamanha envergadura para o qual não havia resposta nem conhecimento suficiente.

Para se concretizarem os nossos objetivos realizamos uma ampla revisão bibliográfica sobre a Grande Seca e o impacto social dos eventos climáticos registrados no contexto internacional, nomeadamente sobre a seca e fome que desde 1876 afetaram a Índia, China, África do Sul e Norte de África. Para tal, discutimos o tema a partir de referências como as obras: *Holocaustos coloniais*, de Mike Davis<sup>1</sup>, *Necropolítica*, de Achille Mbembe<sup>2</sup>, e *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon<sup>3</sup>. Recorremos ainda ao conceito de justiça socioambiental de Acsehrad, Melo e Bezerra<sup>4</sup>, argumentando que a Grande Seca e a Grande Fome se enquadram em um conjunto de catástrofes globais para as quais o mundo moderno não achou resposta e que se refletiram com maior impacto nas comunidades mais desfavorecidas, reforçando que o problema não é apenas resultante de eventos climáticos, mas da ausência de políticas públicas de adaptação e resiliência que reduzam as desigualdades no acesso a recursos e proveitos da produção do sistema capitalista. Na análise dos efeitos sociais da seca no Semiárido nordestino, em particular nos acontecimentos que atingiram o Ceará, procedemos à revisão da literatura científica sobre o tema, mas também à literatura regional, destacando-se *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, e *Os retirantes*, de José do Patrocínio. Faremos igualmente uso de notícias publicadas nos jornais regionais O Cearense e O Retirante, assim como no jornal humorístico O Besouro, publicado no Rio de Janeiro. O acesso a esses jornais e a imagens de época foi possível através de pesquisa na Biblioteca Nacional Digital.

### **Seca e fome como primeiras catástrofes da globalização**

Na análise da seca no contexto internacional vários autores<sup>5, 6</sup> consideram a Grande Seca, nesse caso iniciada em 1876, como a primeira grande catástrofe do capitalismo, resultando da conjugação de efeitos climáticos em vários pontos do globo, da avidez do lucro, da maior demanda por alimentos — resultante do aumento da população mundial —, da especulação de preços de produtos alimentares e da política que privilegiava a exportação de produtos alimentares para a Europa. A esta seca se seguiram outras com efeitos igualmente

devastadores em termos de soberania alimentar das comunidades e morte por desnutrição. Por exemplo, as secas dos anos 1889-1891 trouxeram de novo sofrimento à Índia, Coreia, Brasil, Rússia, Etiópia e Sudão; na seca de 1896-1902 faltaram mais uma vez as monções nas regiões tropicais e no norte da China. Das crises originadas por estas secas resultaram fome, doença e milhares de mortos.

Apesar do efeito devastador destas crises, notadamente pelas consequências em termos de fome e mortalidade, os mais importantes historiadores do séc. XIX ignoraram os acontecimentos. As exceções foram David Landes, no seu livro de 1998 *A riqueza e a pobreza das Nações*, e Karl Polanyi, no seu livro *A grande transformação. As origens da nossa época*, publicado originalmente em 1944. Quem o diz é Mike Davis, que é particularmente crítico quanto a esta omissão, acusando os historiadores de negligência face ao dramatismo dos acontecimentos. O autor questiona-se também sobre as razões da fome ter sido praticamente banida da Europa quando, ao mesmo tempo, milhares de pessoas morriam de fome nas colônias:

Do mesmo modo, como pesarmos as presunçosas afirmações sobre os benefícios vitais do transporte a vapor e dos modernos mercados de grãos, quanto tantos milhões, sobretudo na Índia britânica, morreram ao lado dos trilhos das ferrovias ou nos degraus dos depósitos de grãos<sup>7</sup>.

A pressão para exportação dos produtos das colônias para a sede dos impérios e a subida de preços, sem uma preocupação em abastecer os mercados internos, levou milhões a morrerem, “não fora do sistema mundial moderno”, mas exatamente no processo de violenta incorporação nas estruturas econômicas e políticas desse sistema, e “Morreram na idade do ouro do capitalismo liberal”<sup>8</sup>. Segundo Mike Davis e Karl Polanyi na origem do problema esteve a livre comercialização de grãos combinada com a falta de rendimentos locais. Mas dada a subida vertiginosa dos produtos alimentares as populações ficaram impedidas de adquirirem grãos, na medida em que o grande mercado absorveu toda a produção e os grãos armazenados, não restando nada da sua pequena produção, pelo que foram rapidamente afetados pela seca e fome<sup>9, 10</sup>.

Karl Polanyi identificou igualmente a ruptura das instituições básicas em resultado da imposição de uma economia de mercado em que o trabalho e a terra são transformados em mercadoria. Uma vez que a integração da produção foi forçada no sistema considerado moderno da economia mundial, foi destruído o modelo de produção local, bem como a comunidade de aldeia e o próprio significado clássico de produção como interação do homem com a natureza<sup>11</sup>. Em consequência, foram desarticulados o modo de vida comunitário de

entrajuda, a organização produtiva individual e as tecnologias tradicionais de irrigação e de cultivo. Como consequência, a nova ordem mundial econômica contribuiu para a morte de milhões de seres vivos<sup>12</sup>.

O processo ocorreu no contexto de internacionalização da economia mundial, em uma nova fase marcada por investimentos dos países europeus e dos Estados Unidos em países terceiros. O debate integra-se nas críticas à expansão capitalista e em particular à mundialização e à globalização, um termo que segundo François Chesnais, tal como global, é repleto de ideologia, aparecendo como um mundo sem fronteiras e sem nacionalidade, ao passo que a mundialização pode ser verificada através de indicadores. “A palavra ‘mundial’ permite introduzir, com muito mais força do que o termo global, a ideia de que, se a economia se mundializou, seria importante construir depressa instituições políticas mundiais capazes de dominar o seu movimento”<sup>13</sup>. A mundialização apresenta-se como um processo mais longo e tem na mundialização do capital um dos aspectos principais, central na constituição do mercado mundial de bens e serviços e na própria acumulação. A globalização envolve outras questões, entre as quais o debate para um mundo sem fronteiras e para a sociedade do conhecimento e da comunicação.

A questão que se coloca é se as grandes fomes originadas pelas grandes secas e pela especulação capitalista poderiam ter sido evitadas se não tivesse sido dada prioridade aos modernos mercados e à especulação de preços, ignorando a falta de capacidade dos estados coloniais para socorrerem as populações num contexto de baixa produção agrícola. O mesmo Davis afirma que, enquanto “Os londrinos comiam pão da Índia”<sup>14</sup>, a população local passava por grandes privações. Como agravante, a conjugação desses fenômenos favoreceu “uma corrida imperialista pela terra”<sup>15</sup>, desfazendo-se alguns proprietários locais das suas terras para garantirem a sobrevivência da família. Falamos da origem de uma necropolítica que favoreceu as potências colonizadoras e os seus investidores da nova economia internacional, impactando na sobrevivência das comunidades e no seu modo de vida presente e futuro; de uma necropolítica que atuou como política de morte que beneficiou as metrópoles sem que nada fosse feito nas colônias para inverter a situação, pelo contrário, continuou a cobrança de impostos e raramente a administração pública atuou no controle de preço dos alimentos. Perante esta violência, Davis sentiu-se desafiado a “mostrar que as políticas imperiais para os indivíduos famintos foram muitas vezes equivalentes morais exatos das bombas lançadas de 5 mil metros”<sup>16</sup>, traçando um equivalente ao efeito do lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki.

A discussão sobre a noção de necropolítica tem sido trazida para discutir políticas públicas cuja intencionalidade não está explicitamente na preservação da vida dos mais desfavorecidos, daí o enquadramento com o impacto das grandes secas no final do séc. XIX na Índia colonial. O debate não se faz sem Achille Mbembe que, inspirando-se nos conceitos de biopoder de Foucault, mas também de soberania e estado de exceção, nos fala em políticas de morte e racismo de estado. Para quem “o estado de exceção e a inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar”, e em que o poder “continuamente se refere e apela à exceção, emergência e inimigo ficcional”<sup>17</sup>, e trabalhando para produzir essas condições.

Relativamente à discussão sobre a exploração colonial e a incapacidade de resistência dos povos colonizados não podemos deixar de não trazer Frantz Fanon<sup>18</sup>, cujo debate permite melhor compreender o contexto internacional da Grande Fome. Em *Os condenados da terra* o autor faz a crítica ao colonialismo não só como sistema, mas também como exploração estrangeira de recursos naturais dos territórios colonizados com recurso à mão de obra local. Fanon afirma que “O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial”<sup>19</sup>, e na ideia que o mundo colonizado é um mundo cindindo em dois, habitados por diferentes espécies de humanos, beneficiando o colono e recusando ao colonizado qualquer atributo de humanidade. Denunciando que a cidade do colonizado é uma cidade onde este é mal afamado, nasce e morre invisível, acrescentando que “A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada”<sup>20</sup>.

No que diz respeito especificamente à Grande Seca que afetou o Semiárido nordestino de 1877-1879, esta necessita ser abordada nesse quadro abrangente, tanto com base nas transformações pelas quais o país estava passando como pelas transformações do sistema econômico mundial e ocorrência de catástrofes climáticas, fome e morte em simultâneo nos países colonizados. Até essa data, a produção algodoeira, de gado e cana-de-açúcar<sup>21</sup> no Nordeste fomentavam a economia exportadora, na qual predominava, à época, a mão de obra livre sobre a escrava, assim como a possibilidade de os estados negociarem com outros países, não ficando à mercê da possibilidade de compra e venda pelas outras províncias. O intercâmbio com alguns dos países europeus refletiu-se de igual modo na construção de uma nova ordem urbana a partir da atuação das elites econômicas e intelectuais que impactou igualmente no planejamento, nas regulamentações urbanas e na tentativa de reproduzir em algumas cidades o modelo de expansão e literário das cidades burguesas europeias.

A ascensão de cidades como Fortaleza e Recife mostrava um Nordeste de contrastes que se se modernizava à semelhança das capitais europeias em termos de planejamento, salubridade urbana, cultura e dinâmica econômica, mas que dificultava a permanência de cidadãos que pudessem não se encaixar com esse perfil, motivando a progressiva exclusão dos retirantes das secas de grandes capitais como Fortaleza<sup>22</sup>.

Se na Índia os agricultores locais venderam as suas propriedades para tentarem salvar a família, sem que impedissem a chegada da morte e doença, a Grande Seca situa igualmente o Semiárido nordestino como área de sacrifício do qual nos falam Acselrad, Melo e Bezerra<sup>23</sup>. Explorando a vulnerabilidade dos retirantes, foram abertas frentes de trabalho em que estes trabalhadores por vezes pouco mais ganhavam que o direito à alimentação. Foram também enviados para a exploração da borracha na Amazônia ou para as fazendas de café no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, submetendo-os a condições de vida indignas e impedindo-os de circular nas grandes cidades e de terem atividades sociais com o argumento de espalharem doenças<sup>24</sup>. A Grande Seca acaba favorecendo os grandes proprietários ou cria uma reserva de mão de obra barata que facilmente substituiu a perda de mão de obra resultante do fim da escravatura. A sua fragilidade não dava aos trabalhadores do Semiárido nordestino razões para fugirem, apresentando-se regionalmente Fortaleza e Recife como capitais da diáspora procedente de várias províncias, contribuindo para os “arranjos e desarranjos familiares”, e dos próprios espaços, “como também a apropriação de uma mão de obra para serviços”<sup>25</sup>.

A Grande Seca coincide parcialmente com o fim do sistema escravista brasileiro, abrindo uma enorme necessidade de mão de obra. Em consequência, assiste-se ao fluxo de grandes movimentos migratórios em que o trabalho livre assumiu o lugar do trabalho submisso dos escravos. Segundo José de Souza Martins, o trabalho do indivíduo livre que substituiu o escravo não diferia muito do trabalho escravo, afirma:

A contradição que permeia a emergência do trabalho livre se expressa na transformação das relações de produção como meio para preservar a economia colonial de exportação, isto é, para preservar o padrão de realização do capitalismo no Brasil, que se definia pela subordinação da produção ao comércio. Tratava-se de mudar para manter<sup>26</sup>.

O retirante era alvo da fome, morte e violência, e era ao mesmo tempo subversivo e vítima do abandono<sup>27, 28</sup>. Apesar das boas intenções de medidas assistencialistas e do ímpeto de desenvolvimento de infraestruturas capazes de gerarem emprego no estado do Ceará, a exemplo da utilização de retirantes na construção de estradas de ferro, ganhava força não apenas a tese de higienização das cidades, da qual o retirante se via excluído, mas o ensaio de

uma necropolítica na resposta à seca que explorava os trabalhadores até ao limite da condição humana.

Por outro lado, do ponto de vista da cidadania, como nos diz Ana Karine Martins Garcia<sup>29</sup>, os retirantes deixam de ser vistos “como sujeitos sociais participativos e possuidores de vontade e desejo próprios”, passando a ser mencionados “como uma multidão que chega aos espaços urbanos à procura de auxílio”. Francisco Ramon de Matos Maciel<sup>30</sup> tem opinião idêntica, mas prefere falar de formas de agenciamento e política popular ao destacar as ações em massa dos retirantes perante a inoperância da administração pública. Em consequência, a imagem de sofrimento coletivo nem sempre incita à solidariedade, dando origem a representações negativas dos retirantes, resultantes da sua condição de miséria, da violência gerada pela necessidade de comida e, de uma forma geral, das imagens de desespero face à falta de soluções, mas também pelo fato da sua aparência representar a morte<sup>31</sup>.

### **A Grande Fome e a seca de 1876-1877**

A seca que a partir de 1876 afetou a China, a Índia e vários pontos do globo foi um desastre de magnitude verdadeiramente planetária, noticiando-se seca e fome também em Java, Filipinas, Nova Caledónia, Coreia, Brasil, África do Sul e Magreb. É até à data o maior registro de semelhante catástrofe que mais se destaca. Singh *et al.*<sup>32</sup> afirmam que, dadas as suas proporções, a Grande Fome tratou-se do primeiro fenómeno mais severo que ocorreu em escala global, provocando 50 milhões de mortos em todo mundo, especificamente no Sul e Sudeste Asiático, no Brasil e na África do Sul e Norte de África. Os anos de 1889 a 1991 foram igualmente secos e levaram a fome à Índia, Coreia, Brasil e Rússia, com maior número de mortos na Etiópia e no Sudão. De 1896 a 1902 uma nova seca afetou parte do globo, em particular a China, juntando a fome com a prevalência de várias doenças. As três grandes secas provocaram entre 31,7 a 61,3 milhões de mortos.

A partir de 1876, a Grande Fome afetou o Sul e Sudoeste da Índia, afetando inicialmente as regiões administrativas de Madras e Bombay, principalmente os estados de Mysore e Hyderabad, atingindo no segundo ano também regiões do norte e centro, afetando 58.500.000 de pessoas, provocando a morte de pelo menos 5,6 milhões. A seca esteve entre as principais causas da fome que atingiram o país, levando a uma redução das colheitas no planalto de Decão. Perante a situação, em vez do auxílio às comunidades, a administração reduziu as suas despesas e incentivou a exportação de elevados quantitativos de produtos, o que gerou uma crise alimentar que se adensou com a especulação capitalista<sup>33, 34</sup>.



Também na China imperial o fenômeno se fez sentir de forma severa entre os anos de 1876 e 1879. Foi a seca mais severa em 300 anos, afetando cinco províncias do norte de Shandong, Zhili, Shanxi, Henan e Shaanxi. No rio Amarelo a seca teve início em 1876, agravando-se dramaticamente. Em 1879 as condições começam a se estabilizar. Cerca de 108 milhões de pessoas morreram de fome e doenças relacionadas com a fome. A agravar o efeito da seca conta-se com a conjugação de vários outros fatores, designadamente, o enfraquecimento do estado pelas rebeliões da segunda metade do século, a crise fiscal, a ausência de uma liderança forte e a pressão de outros impérios, assim como as condições climáticas<sup>35, 36</sup>. Em 1877, a região recebeu cerca de 24% a menos de chuvas do que a média, não melhorando em 1878. Em particular o rio Amarelo recebeu apenas 335 mm de precipitação, o valor mais baixo durante o período 1736–2000, um déficit de 45% nesse período<sup>37</sup>.

A região do Magreb, no Norte de África, a África do Sul e o Nordeste brasileiro foram também afetados. A fome e especulação dos mercados com o preço dos produtos deu origem a manifestações. A guerra veio agravar a vida das populações. O fenômeno climático El Niño não foi, assim, o único problema. Uma bolha especulativa sobre a ferrovia agravou em poucos anos a crise mundial. O impacto em Wall Street repercutiu sobre os preços reais no Mercado do Algodão de Manchester e nas indústrias da Pensilvânia, Nova Gales do Sul, Saxônia e Piemonte, pelo que os produtores dos trópicos foram também impactados, registrando-se enorme declínio da demanda. Em consequência, as redes de produção e comércio internacional, impulsionadas pela abertura do Canal de Suez, em 1869, sofreram um importante revês. A juntar a tudo isso, o sucesso da rápida e próspera conversão de áreas de agricultura de subsistência para a produção de algodão durante a Guerra Civil Americana deu origem a uma profunda crise que levou centenas de fazendeiros para a pobreza. Esta crise na exportação do algodão afetou o Nordeste brasileiro, Angola, Queensland, Fiji, Samoa, bem como a Índia, Argélia e Egito. A produção de açúcar também foi afetada, o que agravou a condição econômica do Brasil.

A corrida para a intensificação da produção algodão e o desmatamento de vastas áreas para alargar a produção podem ter sido o rastilho que agravou os efeitos da Grande Seca, que no Nordeste iniciou em fevereiro de 1877. A crise do algodão “desgraçou grande parte da população sertaneja” que começava “a vagar à procura de trabalho ou qualquer tipo de subsistência”<sup>38</sup>. Aos retirantes da seca junta-se uma enorme massa de gente que abandona o sertão em situação de desemprego. Pelo risco de saque, os maiores fazendeiros transferiram o

gado para outras regiões, os pobres e sem trabalho foram deixados à sua sorte. Antecipando a abolição da escravatura pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, vários fazendeiros acabaram por vender os seus escravos a preço reduzido, o que contribuiu igualmente para aumentar o número de pobres.

No Brasil adiciona-se o fato de o país ter acabado de ganhar a independência e ter dificuldade em dar resposta às demandas das populações, em particular em situação de catástrofe social e climática, sem esquecer que a sua economia seguia dependente dos mercados internacionais. Como mencionado, internamente a burguesia comercial buscava um papel de relevo nas grandes cidades litorâneas, buscando imitar o modo de vida da burguesia europeia, na sequência do qual levava a cabo políticas de exclusão dos indigentes nas capitais estaduais. Essas políticas clarificavam que a seca não era apenas um fenómeno natural, o seu impacto resultava das opções tomadas.

Um dos exemplos mais citados é o de Fortaleza<sup>39, 40</sup>. A cidade ficou conhecida nas secas seguintes pelas suas políticas opressoras contra a entrada de retirantes, instaurando em seu redor campos de concentração e, de forma geral, zonas de miséria, fome e morte, arredando-os da pertença ao sistema capitalista, recorrendo muitas vezes à violência e intimidação para o fazer<sup>41, 42</sup>. As famílias acabavam separadas, permanecendo muitas mulheres no Semiárido, acabando por ser chamadas “viúvas das secas”, enquanto os homens seguiam para as frentes de trabalho na região ou para a exploração da borracha na Amazônia, como relatam várias notícias dos jornais *O Retirante*, *O Cearense* e *O Besouro*. Os retirantes seguiam também para as fazendas de café a Sudeste, mas havendo nesse caso vantagem em usar a família no cultivo de café, incluindo crianças com idade superior a 8 anos<sup>43</sup>.

### **A Grande Seca de 1877-1879 no Semiárido nordestino**

A Grande Seca de 1877-1879 que afetou o Semiárido nordestino provocou milhares de mortos, mais de 50% da população do Ceará, podendo ter ultrapassado 500 mil no total<sup>44</sup>. A situação trágica da província do Ceará motivou a visita do Imperador D. Pedro II, que em reação afirmou: "Venda-se o último brilhante da coroa, contanto que nenhum brasileiro morra de fome!"<sup>45</sup>. A viagem não trouxe avanços e foi até controversa. A discussão na capital do império era da necessidade de políticas de desenvolvimento para o Nordeste, mas a disposição do Imperador não obteve concordância. A imprensa regional foi particularmente crítica da viagem do Imperador.

É exemplo o jornal *O Retirante* que criticou os custos avultados de tal empresa e a pouca atenção que o governo deu à seca. O mesmo jornal não se coibiu de expor as suas divergências com a política imperial. No Editorial do dia 19 de agosto de 1877 criticou também os políticos que representam a região pela inércia e indiferença, relatando igualmente que “O ministro do Império, [...] Costa Pinto, declarou no parlamento que não se devia acreditar em tantos infortúnios que a imprensa registra”. A segunda crítica é dirigida ao Imperador e repetida em outras notícias, mas aqui apresentamos a redação do dia 19 de agosto de 1877. Diz o seguinte: “O Imperador vem de viagem, depois de ter gasto uma soma fabulosa. É tempo do país chamá-lo a conta, e estamos convencidos de que sua presença é antes de mais um flagelo do que um benefício”. A segunda notícia, de 26 de agosto de 1877<sup>46</sup>, concretiza as críticas, apresentando que o orçamento do império atribuiu para o ano de 1877, 1.165 contos de reis à família do rei e para socorros públicos às populações afetadas pela seca apenas 250.

Também no Nordeste o problema não se devia apenas à questão do clima. A resposta tardia a várias demandas está presente nas páginas dos jornais da época, entre eles *O Retirante*, o *Cearense* e o *Besouro*. Após a seca de 1845 ter-se-á registrado um certo adormecimento que apanhou as populações desprotegidas. A preparação para o próximo evento revelou que pouco foi feito<sup>47</sup>. Os 32 anos sem seca permitiram a produção de alimentos suficiente para proporcionar um aumento populacional considerável e o desenvolvimento de várias cidades, que se beneficiavam igualmente do ganho de soberania do país. A população local foi reforçada com a vinda de estrangeiros e com a chegada de escravos de outras províncias. Fortaleza, que tinha aproximadamente 25 mil moradores, recebeu 114 mil retirantes<sup>48</sup>. Nessa impreparação é importante de novo lembrar que o Brasil tinha ganho independência fazia pouco tempo e estava ainda se organizando, tanto nas competências do governo como nos municípios, quanto no equilíbrio inter-regional.

Sobre a resposta, para Natalia Monzón Montebello e Marcílio Medeiros Silva<sup>49</sup> durante a Grande Seca instalou-se uma política populacional resumida em três grandes gestos: os abarracamentos, os campos de concentração e as frentes de trabalho. Vários autores consideram igualmente que a utilização de retirantes em grandes obras — frentes de trabalho — era uma prática para afastar as multidões de flagelados da ‘ociosidade’ e uma imposição àqueles considerados aptos, para ter acesso ao socorro do governo<sup>50</sup>. No texto não vamos abordar a questão dos campos de concentração, por não serem o tema central da seca que analisamos. A ida dos retirantes para a Amazônia ou outras frentes de trabalho fazia parte das

preocupações da elite que, assustada com a vinda de tanta gente, oscilava entre o seu envio para a Amazônia faminta de mão de obra ou permitir que entrassem nas cidades, onde, misturados com escravos e artesãos pobres, poderiam representar uma ameaça insurrecional<sup>51</sup>.

O Ceará destaca-se não somente por receber a visita do Imperador, mas principalmente pelo fato de em 1878 ter aprovado a proposta Pompeu-Sinimbú com o objetivo de dar trabalho aos flagelados, sendo também uma oportunidade do estado “corrigir o seu déficit de infraestrutura e urbanização em relação àquelas que progrediam subvencionadas pela Coroa”<sup>52</sup>. Por outro lado, o Ceará e Rio Grande do Norte eram quem mais respondia a solicitação de mão-de-obra para as fazendas de cafeicultura de São Paulo, sendo que durante as secas de 1877-1879 e 1900-1901 o governo imperial pagou as despesas das passagens de trem no deslocamento dos retirantes. Com a diferença que não se limitavam a emigrar os homens, os fazendeiros defendiam a migração familiar por ser conveniente a combinação da mão de obra do homem, da mulher e dos filhos acima de 7 anos<sup>53</sup>.

Não é apenas o Imperador que é alvo de críticas. No primeiro ano da seca, o jornal *O Retirante* em vários registros criticava também o responsável pelo Governo Provincial, João José Ferreira de Aguiar. Um dos motivos de discórdia dizia respeito à questão da insalubridade da cidade de Fortaleza e ao lugar do retirante nesse contexto. Nesse contexto os retirantes foram considerados pelo poder público como focos de propagação de doenças no ambiente da cidade. O poder público acreditava que construir locais isolados e afastados era importante para a prevenção das epidemias e para a boa conservação do estado sanitário da cidade, surgindo assim os abarracamentos, de que falaremos mais adiante<sup>54</sup>.

É nos editoriais do jornal *O Retirante* que se podem ler as críticas mais contundentes, mas também os diagnósticos mais comoventes da evolução da seca e da condição dos retirantes. A título de exemplo, o editorial publicado no dia 1 de julho de 1877 tem seu início com as seguintes palavras:

Contempla-nos pasmo o século XIX e o precito ano de 1877. Lentamente trucidamos n'um horrível cortejo de angustias. Já não é uma ilusão a seca nesta desditosa província. A ampulheta poluidora dos séculos acaba de recolher seis meses desta era, para as dobras de um sombrio passado.

Tristes e aflitivas são as notícias, que nos trazem do centro todos os peregrinos, que, anualmente, de nós se aproximam. Coitados, trazem nos trôpegos e ávidos passos. Na pendida e amarelecida frente, no incerto e desvairado olhar, nas rotas vestes, que lhes cingem o corpo, na face deprimida e lívida - o verdadeiro cunho da miséria e da fome<sup>55</sup> (o arranjo do parágrafo é nosso).

Com maior ou menor ênfase o jornal continua destacando o tema em amplas dimensões. Uma notícia recorrente refere-se à carestia dos produtos alimentares em Fortaleza, apelando às autoridades para exercerem a sua responsabilidade no referente à fiscalização. A miséria, a fome e a doença são os temas recorrentes e que mais páginas ocupam. Como refere a notícia de dia 8 de julho de 1877, também a peste ameaçava a cidade, deixando a população residente sobressaltada com casos de varíola e outras enfermidades. Ambos os temas ocupam o romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo. Na obra o autor deixou-nos as seguintes palavras sobre o momento em que as personagens do seu romance, Manuel de Freitas e Josefa, chegam a Fortaleza e se deparam com uma epidemia de varíola:

“Nada mais lúgubre do que a perspectiva de um lugar atacado de peste. Depois que vi os horrores da varíola em 1878 em Fortaleza, cujos óbitos subiam a mais de mil diariamente, é que avalio da fisionomia da minha pobre aldeia, edificada em um buraco, cercada de montanhas<sup>56</sup>.”

Temos, assim, que a fome e a morte rondavam a cidade e as estradas de passagem com os corpos dos que padeciam em viagem. Em 1877, em Lavras, Ceará, muitos retirantes tombaram de fome e acabaram sepultados no mato. São igualmente recorrentes as notícias com relatos de fome e contagem de mortos em outras cidades e sobre a chegada de barcas, sobretudo de Mossoró, no Rio Grande do Norte. A situação era de tal ordem que, segundo notícia de 8 de julho de 1877, na chegada a Fortaleza da barcaça Natalense um dos passageiros chegou morto e 168 chegaram famintos e cobertos de repugnantes trapos, ao ponto do encarregado da visita do porto, o Sr. Pedreira, cobrir com roupas de suas filhas uma menina de 10 anos que saltou completamente nua para o cais.

São também constantes as referências à própria condição humana. Em um dos testemunhos podemos ler na notícia publicada no dia 28 de outubro de 1877 como a fome se repercutia no vestir, no aspecto físico:

“grande bando de retirantes, pálidos, esfaimados, partidos de fadigas, uns andrajosos, outros quase completamente nus, esmolando de porta em porta, com o desespero de quem já não pode, mas ordena que lhe matem a fome, terrível, insuportável.

Moças, filhas e mães de famílias abastadas e felizes aconchegavam ao corpo, cheias de pejo, transidas de vergonha, uns mesquinhos e sujos farrapos que mal lhe encobriam as formas.

As crianças apanhavam na rua cascas de laranjas, frutos podres, tudo enfim que lhe pudesse satisfazer as imperiosas necessidades do estomago.

A situação de fome e morte marcou não apenas o jornalismo regional, mas também o fotojornalismo e a fotografia, assim como a literatura. Destacam-se as 14 fotografias de

Joaquim António Côrrea, um testemunho fiel da imagem dos flagelados da seca no estado do Ceará.

Figura 1. Retirante da seca do Ceará, 1877-1878

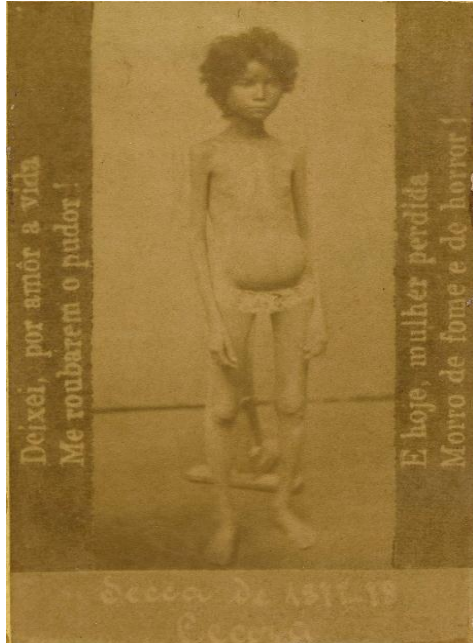


Figura 2. Órfão retirante da seca do Ceará, 1877-1878



Fonte: Joaquim A. Corrêa, 1878

Das suas fotos apresentamos duas coletadas no espólio da Biblioteca Nacional Digital, a escolha deveu-se ao dramatismo das inscrições laterais. A Figura 1 tem escrita na lateral “Deixei, por amôr a vida, me roubaram o pudor! E hoje, mulher perdida morro de fome e de horror!”<sup>57</sup>. A Figura 2: “Foi o céu inexhoravel contra á mim, contra á meus paes, deixou-me na orphandade entregue a dores e ais!”<sup>58</sup>.

Duas outras fotos de Corrêa foram enviadas por José do Patrocínio (que em 1879 publicaria a sua obra *Os retirantes*), para o jornal *O Besouro*, do Rio de Janeiro, e publicadas na edição de 20 de julho de 1878<sup>59</sup>, dirigindo-se em particular ao Imperador para denunciar a situação da população, que além da fome ainda recebia farinha falsificada, criticando ainda o fato dos socorros serem prestados de maneira improfícua. Patrocínio publicou vários artigos de denúncia da situação calamitosa da população do Ceará em vários jornais, designadamente *A Gazeta de Notícias*, nas páginas da qual foi dando conta da sua Viagem ao Norte, justamente para acompanhar a seca no Nordeste. Ainda no jornal *O Besouro*, com a data de 4

de maio de 1878, criticava os socorros e as políticas migratórias, afirmando: “O retirante, que simbolizava uma calamidade, passou a ser o emigrado, que simboliza uma iniquidade”<sup>60</sup>.

Provavelmente o contexto internacional não favorecia o auxílio aos retirantes, ainda assim ganha destaque na imprensa regional a referência a notícias sobre o auxílio a prestar às vítimas das secas e sobre a organização de peditórios no Brasil e em Portugal. O jornal *O Retirante*, na edição de dia 2 de setembro de 1877, dava conta que em Portugal, por proposta da Rainha D. Maria Pia, o auxílio às vítimas somou 80.000\$00 de reis para socorrer as vítimas da seca das províncias do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Pouco sabemos sobre a distribuição dos auxílios em dinheiro. Ficamos sabendo através de uma outra notícia publicada no jornal *O Cearense*<sup>61</sup> a 24 de junho, citada pelo jornal *O Retirante* do dia 1 de julho de 1877, que o bispo diocesano entregara a uma senhora a quantia de 600\$000 para distribuir com algumas famílias de Fortaleza, mas “essa senhora distribuíra essa quantia com seis viúvas, suas parentas, três das quais moram sob o mesmo teto e ostentam faustoso luxo”. Outra notícia, essa do dia 29 de julho do mesmo ano, volta à temática, criticando o fato de alguns beneficiários não terem efetiva necessidade, deixando o seguinte desabafo de contestação: “Parece-nos que em seu ânimo só impera do patronato e afilhadagem”. Relativamente ao auxílio com doação de alimentos também nem tudo corria bem. Uma notícia do dia 29 de julho de 1877 conta que os alimentos acabavam se estragando por falta de distribuição e de condições de armazenamento, a tal ponto que o gorgulho engordava e o povo passava fome.

A falta de organização e a quebra de honestidade de alguns funcionários impedia que a ajuda chegasse a quem realmente precisava. O mesmo ocorria com o escoamento da produção autônoma de alguns retirantes, que sem conseguirem receber a venda ficavam perdendo. Em um desses episódios, contado no primeiro dia de 1878, em Mondubim, onde foi permitida a produção de tijolos em olarias, os retirantes perceberam que o chefe de estação havia feito desvio de 3 mil tijolos, apesar disso o dinheiro foi recuperado.

Além das notícias de desembarque de retirantes no porto de Fortaleza, *O Retirante* publicou um conjunto de notícias sobre o trânsito dos flagelados para as chamadas frentes de trabalho. O jornal é particularmente crítico com as migrações para o Amazonas, por considerar que a região não era exatamente o paraíso que se contava. Uma notícia publicada no dia 7 de novembro de 1877 afirma que, apesar da hospitalidade dos responsáveis das presidências do Pará e Amazonas, e hospitalidade dos seus habitantes, a emigração para o Amazonas era um sorvedouro de infelizes patrícios que por lá acabavam sepultados. Os

retirantes eram ali abandonados à sua sorte pelo governo imperial, levados ao engano. A notícia de dia 24 de outubro do mesmo ano diz-nos que:

“Naquele eldorado, como aqui, vivem inteiramente abandonados pelo governo, esmolando de porta em porta o duro pão da caridade e tendo unicamente por abrigo um velho e miserando edifício provincial onde, só depois de alguns dias de horríveis privações, mandou o presidente aloja-los”.

A situação não era melhor quando o destino era o Maranhão, considerando que apesar de ser o estado que mais gerava identificação aos hábitos do nordestino, era desaconselhável que fosse escolhido como destino para a população retirante, como demonstra a notícia de 7 de novembro de 1877. Afirmando: “jamais deve encaminhar-se para ali, onde têm sido apupados e apedrejados nas ruas da própria capital, os nossos irmãos, sem respeito à profunda miséria que os aflige; e sem que a autoridade ou o espírito público manifestasse sua reprovação”.

Entre os testemunhos de retirantes destacamos a preocupação da povoação das Areais, em Mossoró, enviada ao jornal a 4 de dezembro de 1877, relativa à insegurança pública, contando que além da fome era também a bala que trazia morte, no que pediam auxílio do governo para garantir a vida. Um dos testemunhos mais impressionantes pode ser lido na edição de 15 de julho de 1877, enviada de Sobral, no Ceará, da qual retiramos o seguinte extrato:

Pavorosa é a nossa atual situação! Abrasam-nos as chamas d’este sol dos trópicos, no extremo do seu furor. Morreu a nossa última esperança. O anjo do extermínio adeja sobre nossas cabeças e ameaça tragar-nos.  
Aflitíssima é a situação de todos, sobretudo a da classe desfavorecida da fortuna. A seca, a ave sinistra de nossas desgraças, abrange sobre suas negras e longas azas toda a superfície deste solo outrora ubérrimo, que prodigamente distribuía-nos o pão.  
Manadas imensas de gado caem como que fulminadas. Os próprios passarinhos tombam do espaço, o bico entreaberto, e veem despedaçar o peito de encontro à terra ardente; árvores colossais perdem as filhas e vê-se-lhe mirrar o majestoso tronco.  
Por toda a parte o silêncio; em todos os semblantes a tristeza!

Ficou evidenciado, a partir de pesquisas em relatórios provinciais e no jornal O Cearense, que o jornal O Retirante deu pouca atenção aos abarracamentos que acolhiam os retirantes. Fala em palhoças ou ranchos em duas notícias, mas não aprofunda o tema. Janille Campos Maia diz-nos que a cidade de Fortaleza se organizou em distritos, conhecidos como abarracamentos<sup>62</sup>, nos quais as habitações precárias eram construídas de forma improvisada pelos próprios retirantes. A partir dos abarracamentos era feita a distribuição dos socorros em troca do trabalho dos retirantes. Ana Karine Martins Garcia<sup>63</sup> reforça que os abarracamentos



“serviram a um desejo de controle espacial e social dessa população e foram levantados em locais específicos, tendo ainda uma ligação funcional com a cidade”, de modo a facilitarem o deslocamento dos retirantes para os trabalhos, no caso, na pedreira e na estrada de ferro. Fato que respondia, de algum modo, às reivindicações da população residente no sentido de ser controlado o caos instalado com a chegada dos retirantes, afastando-os das principais áreas de contato com a população citadina.

Não queremos terminar sem duas referências mais a obra de Mike Davis. A primeira refere-se ao fato de a Grande Seca não ter terminado em 1879, mas sim em março de 1880 com o regresso das chuvas. O ano de 1879 foi aquele em que o governo ordenou a suspensão de todo o socorro, expulsando milhares de retirantes, por vezes com violência, como sucedeu em Recife. Por outro lado, Davis cita Gilberto Freyre para nos dizer que o “apocalíptico duplo sete (1877) tornou-se a síntese dramática na memória brasileira das tragédias conjuntas da seca e do subdesenvolvimento”<sup>64</sup>, e em que a indústria da seca descobriu que ter o apoio na resposta ao problema era mais lucrativo que retomar as produções regionais de algodão e açúcar que, como ficou evidenciado, estava em declínio no mercado de agora, globalizado.

### **Considerações finais**

Vimos que a Grande Seca que afetou o Semiárido brasileiro fez parte do impacto de um problema global que teve a sua gênese na alteração do El Niño, mas que por força da conjugação de várias circunstâncias acabaram interferindo e outros problemas impactaram sobre alguns países colonizados ou sobre as economias dependentes da globalização capitalista, sendo referida como motivo da primeira crise do capitalismo e que tem início, em 1876, na Índia. Em particular o caso indiano é muito importante, pois nos remete para uma necropolítica que abandona as comunidades locais e a satisfação das suas necessidades mais básicas para satisfazer o aumento da qualidade de vida da sede do império. O outro lado da crise global e que esteve mais associada ao Brasil foi a transformação de novos territórios para o cultivo do algodão, que com a crise a expandir-se a outros setores exportadores acabaram por deixar os trabalhadores com destino incerto. A ausência de ajuda das potências imperialistas leva-nos a associar o debate à temática da justiça socioambiental, à medida que criou áreas de sacrifício por contraste com a expansão capitalista das cidades europeias e americanas.

Quanto ao Nordeste brasileiro, a Grande Seca não afetou apenas os mais pobres e fragilizados socialmente, mas repercutiu mais sobre estes. A sua análise deve levar em conta

algumas das principais transformações internas e igualmente na escala internacional. O próprio fato de Fortaleza possuir dois jornais que destacam todas as semanas o problema é uma questão a considerar na visibilidade e na possível comparação com secas anteriores, que sem registros na mídia, assim como na literatura regionalista, não conseguem o mesmo destaque por ausência de informação. Quanto à resposta posterior, é certo que se inicia um novo ciclo a partir do conhecimento técnico adquirido e da resposta através de infraestruturas, sobre o qual André Rebouças escreveu durante a seca um conjunto de artigos comparando a seca do Ceará com a da Índia, buscando um modelo de administração a ser seguido no Brasil.

Os retirantes flagelados da seca surgem como a principal figura da seca do Semiárido, sobre os quais avançam medidas restritivas, de não aceitação em cidades como Fortaleza e que os afasta das suas famílias para as frentes de trabalho, beneficiando a chamada indústria da seca que gradualmente se constituía. O destino mais trágico era a ida para a Amazônia, para um contexto que desconheciam e onde encontravam condições sub-humanas de sobrevivência. A qualquer dos casos a família acabava fragmentada, dado tratarem-se de alternativas de mão de obra masculina, em que somente as fazendas de produção de café recebiam famílias, substituindo gradualmente os escravos que alcançavam a liberdade e trabalhando ao lado de estrangeiros que passam a ser um novo fluxo de mão obra da produção exportadora do país.

## Notas

<sup>1</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>2</sup> MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n°1 edições, 2018.

<sup>3</sup> FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

<sup>4</sup> ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é justiça ambiental?* Rio de Janeiro: Garamod. 2009.

<sup>5</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>6</sup> SINGH, Deepti *et al.* Climate and the Global Famine of 1876–78. *Journal of Climate*, v. 31, n. 23, p. 9445-9467, 2018.

<sup>7</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19.

<sup>8</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19.

<sup>9</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>10</sup> POLANY, Karl. *A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nosso tempo*. - 2. Edª, Rio de Janeiro: Compus, 2000

- <sup>11</sup> POLANY, Karl. *A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nosso tempo*. - 2. Ed<sup>a</sup>, Rio de Janeiro: Compus, 2000, p. 161
- <sup>12</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 21.
- <sup>13</sup> CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996, p.24.
- <sup>14</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 38
- <sup>15</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 23.
- <sup>16</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 23.
- <sup>17</sup> MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n<sup>o</sup>1 edições, 2018.
- <sup>18</sup> FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- <sup>19</sup> FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.26.
- <sup>20</sup> FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.29
- <sup>21</sup> Sobre as dinâmicas sociais e produtivas na região as obras *Nordeste* e *O outro Nordeste*, escritas em 1937, respectivamente por Gilberto Freyre (1937) e Djacir Menezes (1972), constituem uma boa base de reflexão. *As viagens ao Nordeste*, de Henry Koster (1942), originalmente publicada em 1867, traça uma cartografia da região. Autores como Muirakytan Kennedy de Macêdo (2002) oferecem uma análise da elite regionalista, tanto na política e cultura como na produção algodoeira e pecuarista.
- <sup>22</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. *A sombra da pobreza na cidade do sol: o ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX*. Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- <sup>23</sup> A temática emerge na década de 1970 nos Estados Unidos a partir de um episódio em Love Canal, que deu origem a um intenso debate sobre segregação ambiental de grupos desfavorecidos, designadamente de negros. O conceito é usado, entre outros, por Acselrad, Melo e Bezerra (2009) na análise da questão socioambiental e referência à temática do conflito pelo acesso a recursos naturais e desigualdades sociais, enquadrando-se no debate que estamos realizando e pode mesmo ser identificado com um dos primeiros exemplos de injustiça socioambiental do capitalismo. Os autores rejeitam a ideia de que a degradação ambiental é democrática, assumindo-se que o fato de vivermos todos no mesmo planeta nos afeta de forma igual, a verdade é que sobre “os mais pobres e os grupos étnicos desprovidos de poder recai, desproporcionalmente, a maior parte dos riscos ambientais socialmente induzidos, seja no processo de extração dos recursos naturais, seja na disposição de resíduos no ambiente” (ACSELRAD, MELO; BEZERRA, 2009, p.12).
- <sup>24</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. Memória, saúde e pobreza: narrativas do sanitário e farmacêutico Rodolfo Teófilo em finais do século XIX começos do século XX, no Ceará. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 60, 2020.
- <sup>25</sup> MACIEL, Francisco Ramon de Matos. Agenciamento e ações em massa de retirantes nas províncias do norte do Império-1877 e 1889. *Em Perspectiva Revista do PPGH/UFC*, v. 6, n. 2, 2020, p. 146.
- <sup>26</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativo da Terra*. 9<sup>a</sup> ed.<sup>a</sup>. São Paulo: Contexto, 2010, p. 26.
- <sup>27</sup> MACIEL, Francisco Ramon de Matos. Agenciamento e ações em massa de retirantes nas províncias do norte do Império-1877 e 1889. *Em Perspectiva Revista do PPGH/UFC*, v. 6, n. 2, 2020,
- <sup>28</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. Memória, saúde e pobreza: narrativas do sanitário e farmacêutico Rodolfo Teófilo em finais do século XIX começos do século XX, no Ceará. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 60, 2020.
- <sup>29</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. Memória, saúde e pobreza: narrativas do sanitário e farmacêutico Rodolfo Teófilo em finais do século XIX começos do século XX, no Ceará. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 60, 2020, p. 231-232.
- <sup>30</sup> MACIEL, Francisco Ramon de Matos. Agenciamento e ações em massa de retirantes nas províncias do norte do Império-1877 e 1889. *Em Perspectiva Revista do PPGH/UFC*, v. 6, n. 2, 2020.
- <sup>31</sup> FERREIRA, José Gomes; PAIVA, Anna Lidiane de Oliveira; MÊLO, Anastácia Brandão de. Representações dos retirantes das secas do Semiárido nordestino. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, vol. 55, dez. 2020, p. 9-27.
- <sup>32</sup> SINGH, Deepti *et al.* Climate and the Global Famine of 1876–78. *Journal of Climate*, v. 31, n. 23, p. 9445-9467, 2018.
- <sup>33</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 16.
- <sup>34</sup> SINGH, Deepti *et al.* Climate and the Global Famine of 1876–78. *Journal of Climate*, v. 31, n. 23, p. 9445-9467, 2018.

- <sup>35</sup> SINGH, Deepti *et al.* Climate and the Global Famine of 1876–78. *Journal of Climate*, v. 31, n. 23, p. 9445-9467, 2018
- <sup>36</sup> EDGERTON-TARPLEY, Kathryn. North China famine, 1876-79. *Disasters History*. 2016. Disponível em: <https://disasterhistory.org/north-china-famine-1876-79>. Acesso em: 21/07/2021
- <sup>37</sup> HAO, ZhiXin *et al.* 1876–1878 severe drought in North China: Facts, impacts and climatic background. *Chinese Science Bulletin*, v. 55, n. 26, 2010, p. 3002.
- <sup>38</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p.92.
- <sup>39</sup> RIOS, Kênia Souza. *Isolamento e poder*: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC, 2014.
- <sup>40</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. Memória, saúde e pobreza: narrativas do sanitarista e farmacêutico Rodolfo Teófilo em finais do século XIX começo do século XX, no Ceará. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 60, 2020, p. 231-232.
- <sup>41</sup> SECRETO, Maria Verônica. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.27, n.1. 2020, p.33-51
- <sup>42</sup> MACIEL, Francisco Ramon de Matos. Agenciamento e ações em massa de retirantes nas províncias do norte do Império-1877 e 1889. *Em Perspectiva Revista do PPGH/UFC*, v. 6, n. 2, 2020, p. 144-153.
- <sup>43</sup> FERREIRA, José Gomes; PAIVA, Anna Lidiane de Oliveira; MÉLO, Anastácia Brandão de. Representações dos retirantes das secas do Semiárido nordestino. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, vol. 55, dez. 2020, p. 9-27.
- <sup>44</sup> MOTA, Camilla Veras.; COSTA, Camilla; TOMBESI, Cecília. 500 mil mortos: a tragédia esquecida que dizimou brasileiros durante 3 anos no século 19. *BBC News Brasil*, 18 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idx-5ef8617a-d045-4f5e-932d-d41d9292ee51>. Acesso em: 05/09/2021
- <sup>45</sup> FERREIRA, José Gomes; PAIVA, Anna Lidiane de Oliveira; MÉLO, Anastácia Brandão de. Representações dos retirantes das secas do Semiárido nordestino. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, vol. 55, dez. 2020, p. 9-27.
- <sup>46</sup> Acervo da Biblioteca Digital Nacional do jornal *O Retirante*.(1877-1878), números 2 a 37. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/retirante/770558>. Acesso em: 14/01/2022.
- <sup>47</sup> MONTEBELLO, N. M.; SILVA, M. M. Retirantes flagelados no Ceará-da-seca. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 8, n. 21, 2018, p. 60-77.
- <sup>48</sup> SECRETO, Maria Verônica. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.27, n.1. 2020, p. 35.
- <sup>49</sup> MONTEBELLO, N. M.; SILVA, M. M. Retirantes flagelados no Ceará-da-seca. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 8, n. 21, 2018, p. 66.
- <sup>50</sup> CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. Operários das secas: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (1877-1919). *Mundos do Trabalho*, 3(6), 176-193, 2012
- <sup>51</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 96.
- <sup>52</sup> SOUSA, José Freitas. O projeto Pompeu-Sinimbu e o desequilíbrio econômico entre o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil (1877-1901). *Revista Econômica do Nordeste*, v. 50, n. 3, 2019. p. 50.
- <sup>53</sup> GONÇALVES, Paulo Cesar. Procuram-se braços para a lavoura: imigrantes e retirantes na economia cafeeira paulista no final do Oitocentos. *Revista Brasileira de História*, 34(67), 2014, p. 283-308.
- <sup>54</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. Em tempos de seca: as intervenções higiênicas e as questões de saúde em Fortaleza (1877-1879). *História e Culturas*, v. 2, n. 4, 2014, p. 166-187.
- <sup>55</sup> Acervo da Biblioteca Digital Nacional do jornal *O Retirante* (1877-1878), números 2 a 37. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/retirante/770558>. Acesso em: 14/01/2022.
- <sup>56</sup> TEÓFILO, Rodolfo A fome: cenas da sêcca do Ceará. Ceará, GR Silva, 1890, p.243.
- <sup>57</sup> CORRÊA, Joaquim A. Secca de 1877-78: deixei, por amôr a vida, me roubaram o pudor! E hoje, mulher perdida morro de fome e de horror! 1878a, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon838857/icon838857.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon838857/icon838857.jpg). Acesso em: 12/08/2021.
- <sup>58</sup> CORRÊA, Joaquim A. Secca de 1877-78, foi o ceu inexhoravel contra á mim, contra á meus paes,deixou-me na orphandade entregue a dores e ais! 1878b. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon838858/icon838858.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon838858/icon838858.jpg). Acesso em: 12/08/2021.
- <sup>59</sup> Acervo do jornal *O Besouro*, Biblioteca Nacional Digital, Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/749915/per749915\\_1878\\_00016.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/749915/per749915_1878_00016.pdf). Acesso em: 14/01/22;
- <sup>60</sup> Acervo do jornal *O Besouro*, Biblioteca Nacional Digital, Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/749915/per749915\\_1878\\_00005.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/749915/per749915_1878_00005.pdf). Acesso em: 14/01/2022.

<sup>61</sup> Acervo do jornal O Cearense, Biblioteca Nacional Digital, Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/cearense/709506>. Acesso em: 14/01/2022.

<sup>62</sup> MAIA, Janille Campos. Exilados do sertão: migração cearense na seca de 1877. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 18, n. 31, 2021, p. 240.

<sup>63</sup> GARCIA, Ana Karine Martins. *A sombra da pobreza na cidade do sol: o ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX*. Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, p. 307.

<sup>64</sup> DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 101.

## Referências

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é justiça ambiental?* Rio de Janeiro: Garamod. 2009.

ACSELRAD, Henri et al. Desigualdade ambiental e acumulação por espoliação: o que está em jogo na questão ambiental? Coletivo Brasileiro de Pesquisadores da Desigualdade Ambiental. *e-cadernos CES*, n. 17, 2012.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. Operários das secas: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (1877-1919). *Mundos do Trabalho*, 3(6), 176-193, 2012.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

CORRÊA, Joaquim A. *Secca de 1877-78: deixei, por amôr a vida, me roubaram o pudor! E hoje, mulher perdida morro de fome e de horror!* 1878a, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon838857/icon838857.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon838857/icon838857.jpg). Acesso em: 12/08/2021.

CORRÊA, Joaquim A. *Secca de 1877-78, foi o ceu inexhoravel contra á mim, contra á meus paes, deixou-me na orphandade entregue a dores e ais!* 1878b. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon838858/icon838858.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon838858/icon838858.jpg). Acesso em: 12/08/2021.

CORREIA, Daniel Camurça. Os desafios políticos e jurídicos da salubridade pública em tempos de seca no Ceará (1870-1890). In: OLIVEIRA JUNIOR, J. A. de; Villatore, M. A. C. (org.). *I Encontro de Internacionalização do CONPEDI*. Barcelona: Ediciones Laborum, 2015, p. 461-485.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [1902] 2016.

DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais*. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro: Record, 2002.

---

DE MACÊDO, Muirakytan Kennedy. Tudo que brilha é ouro-branco-as estratégias das elites algodeiro-pecuarísticas para a construção discursiva do Seridó norte-rio-grandense. *Mneme-Revista de Humanidades*, v. 3, n. 06, 2002.

EDGERTON-TARPLEY, Kathryn. North China famine, 1876-79. *Disasters History*. 2016. Disponível em: <https://disasterhistory.org/north-china-famine-1876-79>; Acesso em: 21/07/2021.

FERREIRA, José Gomes.; PAIVA, Anna. Lidiane de Oliveira.; MÉLO, Anastácia. Brandão de. Representações dos retirantes das secas do Semiárido nordestino. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, vol. 55, dez. 2020, p. 9-27.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GARCIA, Ana Karine Martins. Em tempos de seca: as intervenções higiênicas e as questões de saúde em Fortaleza (1877-1879). *História e Culturas*, v. 2, n. 4, 2014, p. 166-187.

GARCIA, Ana Karine Martins. *A sombra da pobreza na cidade do sol: o ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX*. Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

GARCIA, Ana Karine Martins. Memória, Saúde e Pobreza: Narrativas do Sanitarista e Farmacêutico Rodolfo Teófilo em Finais do Século XIX Começos do Século XX, no Ceará. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 60, 2020.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Procuram-se braços para a lavoura: imigrantes e retirantes na economia cafeeira paulista no final do Oitocentos. *Revista Brasileira de História*, 34(67), 2014, p. 283-308.

GUERRA, Paulo de Britto. *A civilização da seca*. O Nordeste é uma história mal contada. Fortaleza: DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, Fortaleza, 1981.

HAO, ZhiXin et al. 1876–1878 severe drought in North China: Facts, impacts and climatic background. *Chinese Science Bulletin*, v. 55, n. 26, 2010, p. 3001-3007.

KOSTER, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1942.

MACIEL, Francisco Ramon de Matos. Agenciamento e ações em massa de retirantes nas províncias do norte do Império-1877 e 1889. *Em Perspectiva Revista do PPGH/UFC*, v. 6, n. 2, 2020, p. 144-153.

MAIA, Janille Campos. Exilados do sertão: migração cearense na seca de 1877. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 18, n. 31, 2021, p. 233-248.

MARTINS, José de Souza. *O Cativo da Terra*. 9ª ed.ª. São Paulo: Contexto, 2010.

---

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: nº1 edições, 2018.

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Artenova, [1937] 1970.

MONTEBELLO, Natalia Monzón; SILVA, Marcílio Medeiros. Retirantes flagelados no Ceará-da-seca: (bio) políticas populacionais na consolidação do Estado moderno. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 8, n. 21, 2018, p. 60-77.

MOTA, Camilla Veras.; COSTA, Camilla; TOMBESI, Cecília. 500 mil mortos: a tragédia esquecida que dizimou brasileiros durante 3 anos no século 19. *BBC News Brasil*, 18 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idx-5ef8617a-d045-4f5e-932d-d41d9292ee51>. Acesso em: 05/09/2021.

O Besouro, 1878. Vários números. Disponível em: Biblioteca Digital Nacional. Acesso em: 12/08/2021.

O Cearense, 1877. Vários números. Disponível em: Biblioteca Digital Nacional. Acesso em: 05/07/2021.

O Retirante, 1877-1878. Vários números. Disponível em: Biblioteca Digital Nacional. Acesso em: 15/06/2021.

PATROCÍNIO, José do. *Os retirantes*. 1889. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000168.pdf>. Acesso em: 15/05/2021.

POLANY, Karl. *A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nosso tempo*. - 2. Edª, Rio de Janeiro: Compus, 2000.

RIOS, Kênia Souza. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC, 2014.

SECRETO, Maria Verônica. A seca de 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.27, n.1. 2020, p.33-51.

SINGH, Deepti *et al.* Climate and the Global Famine of 1876–78. *Journal of Climate*, v. 31, n. 23, p. 9445-9467, 2018.

SOUSA, José Freitas. O projeto Pompeu-Sinimbu e o desequilíbrio econômico entre o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil (1877-1901). *Revista Econômica do Nordeste*, v. 50, n. 3, p. 49-67, 2019.

TEÓFILO, Rodolfo. *A fome: cenas da sêcca do Ceará*. Ceará, GR Silva, 1890.